

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

LILIANE ORBE PREVATO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Este é um trecho da entrevista com o filósofo Luc Ferry e publicada na revista Superinteressante. Seus livros estão na lista dos 10 mais vendidos na França. Os títulos lembram a auto-ajuda, mas tratam apenas de questões filosóficas sobre como o ser humano pode viver melhor.

No livro Famílias, Amo Vocês, lançado este mês no Brasil, você diz que os pais nunca amaram tanto os filhos. No entanto, estamos todos chocados com o caso de uma menina que foi jogada pela janela do 6º andar. E, na Áustria, veio à tona um caso de incesto que durou 28 anos. Esses episódios não o contradizem?

Não. Já ouvi falar dezenas de vezes desse caso da garota Isabella, e estamos todos chocados, tanto quanto com o caso de incesto da Áustria. O importante é que, hoje, esses episódios deixam a maior parte da população escandalizada. Analisando historicamente, percebemos que nem sempre as pessoas ficaram chocadas com histórias como essas. Até o século 18, antes do nascimento da família moderna, cerca de 30% das crianças eram abandonadas. No norte da França, as mortes chegavam a 90% no primeiro ano de vida. Na Idade Média, a morte de uma criança era menos importante que a perda de um cavalo. Existiam diferenças em relação ao primogênito, mas, em geral, as crianças simplesmente eram abandonadas para morrer. A situação mudou completamente. E, no futuro, a família deve se tornar ainda mais importante.

Por quê?

Porque o ser humano é uma das últimas coisas sagradas hoje em dia. Na história, o sagrado (aquilo pelo qual somos capazes de arriscar nossa vida) mudou muito. Os europeus já morreram por 3 grandes motivos: Deus, a pátria e a revolução. Nos últimos séculos, houve mortes maciças em guerras de religião, nacionalistas e guerras revolucionárias. Esses motivos desapareceram. Os jovens ocidentais de hoje não são capazes de morrer nem pela pátria, nem por Deus, nem pela revolução. Acabou.

Mas ainda existe quem morreria por um ideal, como os homens-bomba ou os terroristas bascos. Não?

Existem os extremismos políticos, mas acredito que, entre os ocidentais, nem mesmo os 5% de extrema direita ou esquerda morreriam por um ideal. No entanto, os únicos seres pelos quais seríamos capazes de arriscar nossa vida são os outros seres humanos – nossos filhos, nossos amigos ou mesmo pessoas que passam por situações graves de miséria, como os famintos da África e os movimentos humanitários que tentam salvá-los. O sagrado não desapareceu, ele só mudou de lugar e se encarnou na humanidade. Passamos da transcendência vertical – Deus, pátria, as grandes utopias – para a transcendência horizontal – os homens. Na minha opinião, trata-se de uma grande mudança. É uma maravilha não morrer por motivos estúpidos, e sim para salvar outros seres humanos. Muita gente acha que o fim das utopias é uma tragédia. Para mim, é uma coisa formidável.

Como o fim dos ideais influencia a política hoje?

No Ocidente, faz com que a política, em vez de ser um fim em si mesma, seja um auxílio para a vida privada. Hoje em dia, as pessoas pedem que nós, políticos, sejamos um instrumento do desenvolvimento da família. Não trabalhamos a serviço da glória do país ou da revolução, mas a serviço dos cidadãos. É uma mudança de foco imensa. Com ela, surgem problemas novos, como a preocupação com as gerações futuras. Vem daí o interesse pela ecologia e também pela dívida pública – questões para resolvermos a longo prazo. Temos que dar conta desses problemas não para contribuir para a grandeza do país, mas porque não queremos deixar um mundo pior para nossos filhos.

ATIVIDADES DE USOS DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

No trecho ... “Até o século 18, antes do nascimento da família moderna, cerca de 30% das crianças eram abandonadas. No norte da França, as mortes chegavam a 90% no primeiro ano de vida. Na Idade Média, a morte de uma criança era menos importante que a

perda de um cavalo”, encontramos um dado e ele nos remete a uma função da linguagem. Identifique qual foi a função predominante no trecho acima?

- a) Função fática
- b) Função metalinguística
- c) Função referencial
- d) Função poética

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

A resposta correta seria a letra c, pois como já vimos, o objetivo da função referencial é apenas informar. Os textos científicos e jornalísticos representam exemplos do uso dessa função.

TEXTO GERADOR II

O ator americano conta como deu a volta por cima na carreira e diz que pretende influenciar o mundo com o ato de contar histórias. Revelado como um garoto prodígio em Hollywood, o galã Ben Affleck conheceu a glória cedo. Aos 25 anos, o ator, nascido na Califórnia e criado em Massachusetts, conquistou um Oscar de melhor roteiro original (em parceria com Matt Damon), por “*Gênio Indomável*”.

por Elaine Guerini, de Toronto

ISTOÉ - *O que instigou o sr. a filmar “Argo”?*

A história real e mirabolante, que as pessoas pensam até ser fictícia. Como alguém tem a ideia de pedir ajuda a Hollywood para resgatar seis diplomatas americanos escondidos

na residência do embaixador do Canadá e durante a Revolução Islâmica? Ninguém acreditaria nessa história se não fosse verdade.

ISTOÉ - *Mesmo com pouca idade, na época o sr. acompanhou essa crise diplomática mostrada no filme?*

Tinha 7 anos e achei que fosse um episódio ruim de “Star Trek” (risos). Eu me lembro vagamente do acontecido porque o assunto foi explorado à exaustão na mídia. Arriscaria dizer que essa crise, por ter durado tanto tempo, deu origem às coberturas 24 horas. Esse formato não decolou até a Guerra do Golfo, mas foi nessa época que nasceu o bombardeio de notícias internacionais. Fora isso, o primeiro acontecimento que eu acompanhei mais vivamente pela tevê foi a tentativa de assassinato de Ronald Reagan, dois anos mais tarde. A partir daí eu passei a ter mais consciência das questões políticas.

ISTOÉ - *Na universidade, o sr. optou por estudar a situação do Oriente Médio em detrimento de assuntos mais valorizados. Isso o deixou mais seguro ao rodar “Argo”?*

Naquela época, todo mundo que estudava relações internacionais tinha os interesses voltados para a URSS. Quem almejasse um cargo no governo, na CIA ou mesmo nas universidades, como acadêmico, tinha de saber tudo sobre a Rússia. O departamento de estudos sobre o Oriente Médio era relativamente pequeno, mas exercia um grande fascínio sobre mim.

ISTOÉ - *Os seus filmes que não foram bem nos cinemas também serviram de lição?*

Claro. Não há ator que não tenha atuado em filmes que fracassaram. Quando isso aconteceu comigo, só aumentou a minha vontade de melhorar. Se o seu último trabalho dá certo, todo mundo lhe sorri. Mas se ele não vai bem, as pessoas o encontram nas festas e fingem que não o veem (risos). A dor e a decepção também existem na vida de um ator.

ISTOÉ - *Tem orgulho de ter recuperado o prestígio perdido ao produzir os próprios filmes?*

Sim. Eu passei por duas provações no cinema. Primeiro, tive de lutar para conseguir fazer “Gênio Indomável” sair do papel. Aí, voltei ao ponto de partida. Nessa época, comentei

com Matt Damon (seu parceiro no filme) que, se as coisas ficassem difíceis, poderíamos gerar nosso próprio material.

ISTOÉ - Foi por isso que o sr. passou à direção, com “Medo da Verdade”?

Exatamente e foi a melhor coisa que fiz. A estreia do longa ficou abaixo do esperado e, mesmo assim, Jeff Robinov (presidente da Warner Bros.) me chamou nos estúdios e disse: “Eu amo o filme e acredito em você. Vamos trabalhar juntos”. Achei que ele estava me confundindo com outra pessoa (risos). Fui contratado para rodar “Atração Perigosa” e, na sequência, “Argo”. Após a queda, foi maravilhoso encarar uma subida íngreme.

ISTOÉ - Chegou a encontrá-lo com o diretor Clint Eastwood?

Sim. Um dia, vi todos os técnicos parados, como se estivessem diante de um fantasma. Era Clint que tinha acabado de entrar no estúdio. Fiquei nervoso como os demais, mas fui falar com ele. Clint me perguntou o que eu estava filmando. Conteí que era uma história de policiais e ladrões. “Fiz muitos desses filmes”, disse ele. Não resisti à piada e lhe perguntei se ele tinha direito a algum desconto ao usar o estúdio que leva o seu nome. Ele negou e acrescentou, brincando: “Se soubesse que dariam o meu nome a algum prédio, teria escolhido a torre de água (o emblema dos estúdios Warner).” Clint é o cara!

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Explique a diferença de sentido ao usar as expressões abaixo no ato da escrita e no ato da fala:

“Tinha 7 anos e achei que fosse um episódio ruim de “Star Trek” (risos).”

“Aí, voltei ao ponto de partida.”

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

Resposta comentada

Nosso aluno deve perceber que no ato da fala e da escrita existem diferenças quanto à forma de se expressar. No caso da primeira sentença o termo “*risos*” mostra que houve um momento de descontração entre o entrevistado e o entrevistador. E na fala isto representa as risadas que não podem e não tem como serem reproduzidas no ato da escrita. Já na segunda sentença temos a palavra “*ai*” que é um linguajar bem informal, próprio da fala, como a reprodução da entrevista foi bem próxima ao original, o termo permaneceu. Tudo isto mostra que nem tudo que falamos é reproduzido igualmente na escrita.

QUESTÃO 3

Observe a pergunta da entrevistadora Elaine Guerini no início da entrevista e uma resposta do ator Bem Affleck no final:

“Tem orgulho de ter recuperado o prestígio perdido ao produzir os próprios filmes?”

“Contei que era uma história de policiais e ladrões. “Fiz muitos desses filmes”, disse ele.”

Que tipo de discurso foi usado em cada uma das sentenças?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto, e indireto livre.

Resposta comentada

Observamos o uso do discurso direto na primeira sentença em que a entrevistadora faz a pergunta seguida da resposta do ator. Já na segunda citação temos um discurso indireto em que o entrevistado cita um comentário de outra pessoa, prova disto é a expressão “*disse ele*”.